UNIVERSIDADE DE UBERABA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO PROFISSIONAL

MEMORIAL FORMATIVO DE Adriana Silveira de Castro e Couto extraído em fevereiro de 2025 da dissertação intitulado **A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO REGULAR: políticas públicas e estratégias pedagógicas**

Catalogação elaborada pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

C837i

Couto, Adriana Silveira de Castro e.
A inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista no ensino regular: políticas públicas e estratégias pedagógicas / Adriana Silveira de Castro e Couto. – Uberlândia (MG), 2024.
285 f. : il., color.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. Linha de pesquisa: Educação Básica: Fundamentos e Planejamento.
Orientadora: Profa. Dra. Gercina Santana Novais.

1. Educação inclusiva. 2. Transtornos do espectro autista. 3. Formação continuada. 4. Professores – Formação. 5. Práticas pedagógicas. I. Novais, Gercina Santana. II. Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. III. Título.

CDD 371.9046

MEMORIAL

E a vida obedece ao seu compasso...

> Procuro-me no passado e "outrem me vejo"; não encontro *a que fui*, encontro alguém que *a que sou* vai reconstruindo, com a marca do presente (Magda Soares, 2001, p. 37).

A palavra memorial nos remete a uma ideia de exposição escrita, a memórias. Evoca fatos a que se tenha assistido ou em que se tenha tomado parte, portanto uma obra escrita que traz relatos de memórias, de lembranças.

A partir desse silogismo, considero pertinente seguir essa linha de raciocínio para rememorar a história que me motivou a tornar-me uma pesquisadora sobre a inclusão escolar.

Nasci na cidade de Passos, sudoeste de Minas Gerais. Neta, filha, sobrinha e irmã de professores. Na infância, lousa e giz eram meus brinquedos favoritos. Fazia do quintal de casa uma sala de aula a céu aberto, plena de momentos inesquecíveis. Próximo ao local em que brincava, meu pai, professor de matemática, corrigia provas e pacientemente era obrigado a me ouvir dar aulas aos meus "alunos invisíveis", cada qual com seu nome e perfil, fruto da minha imaginação. Didaticamente, com a desculpa de me ajudar e desfrutar de um pouco de silêncio, ele me pedia para ter mais "carinho" com os alunos, pois, falando demais, eles teriam dificuldades em aprender. Desde criança soube que minha vocação estaria ligada à educação!

Estudei em escolas públicas e, ao finalizar o Ensino Médio, ingressei na faculdade de Letras. Conclui minha graduação pela Universidade do Estado de Minas Gerais, no ano de 1998, em minha cidade natal. Após a graduação em Letras, especializei-me em Língua Inglesa pela Universidade de Franca, interior de São Paulo.

Ter me tornado, oficialmente, professora, me proporcionou inúmeras e distintas experiências na área da educação. Atuei em diferentes níveis e modalidades de ensino: ministrei aulas de Língua Inglesa na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, e de Língua Portuguesa no Ensino Técnico. Ocupei ainda as funções de Secretária Escolar, Assessora de Gabinete e Pedagoga na Superintendência Regional de Ensino que conduziram e aprimoram meus conhecimentos.

Em 2002, fui nomeada e empossada como professora de Língua Inglesa, por meio de aprovação em concurso público, junto à Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Em 2004, prestes a ter meu primeiro filho, tomei posse de meu segundo cargo de professora.

Na época, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB nº 9.394/1996, regia a educação brasileira. Iniciávamos os primeiros passos para a implementação/ implantação de uma educação inclusiva com os "estudantes com necessidades educacionais especiais"[1] deixando as escolas especiais, como APAE e outras, e passando a ser admitidos nas escolas regulares.

Trabalhar com adoção do princípio da alteridade[2] não é tarefa fácil quando não somos formados para isso, mas aos professores não havia sido dada nenhuma formação que os habilitasse para desenvolver tal incumbência. Estávamos assustados e negávamos aceitar que alunos com deficiência (neuro atípicos) pudessem ingressar e participar nas classes ao lado de alunos considerados "normais". Os professores manifestavam inquietação e houve certo repúdio à introdução, na rede de ensino regular, de estudantes ditos, àquela época, "especiais".

Enquanto formava e revia minha opinião a respeito de uma nova forma de trabalhar, na perspectiva de uma educação inclusiva[3], vi-me obrigada a repensar meus conceitos: passei por experiências que exigiram, além de estudo, sensibilidade e capacidade de me colocar no lugar do outro. Fui levada a mudar meu ponto de vista, a procurar analisar as políticas públicas inclusivas na educação, e a falar sobre elas, razão da presente pesquisa.

Meu primeiro e único filho, Lucas, nasceu em fevereiro de 2004. Teve uma infância dentro dos padrões de normalidade, exceto por ter falado apenas aos três anos e não ter um sono noturno constante. Ao iniciar sua vida escolar, aos quatro anos, alguns problemas começaram a surgir. Era uma criança que gostava de ir à escola, mas não de assistir ou participar das aulas. Chorava copiosamente quando eu o deixava com a professora regente, pedindo para que o levasse de volta para casa.

---

[1] Terminologia utilizada à época. Após a Convenção Internacional para a Proteção e Promoção dos Direitos Humanos e da Dignidade das Pessoas com Deficiência, "pessoa com deficiência" tornou-se expressão consagrada e adotada contemporaneamente.

[2] Que enxerga o outro como um ser distinto, diferente. Valorização das diferenças.

[3] Aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um deles de acordo com suas potencialidades e necessidades.

Aos cinco anos, no início do período letivo, Lucas já havia concluído seu processo de alfabetização, bem antes dos demais colegas. Foi então que desenvolveu o gosto pelas revistas em quadrinhos. Preferia ir ao recreio com um gibi, a brincar com os colegas no parquinho. Essa era a hora de seu momento de leitura. Sua companhia: os livros.

Passou a estabelecer rotinas e a selecionar alimentos. Sua escolha para o cardápio do lanche era apenas um bolinho de chocolate de marca específica ou uma maçã, mas esta tinha que ser vermelhinha, sem pontos verdes: "como a maçã do vovô Júlio", dizia. Seu avô, após o almoço, servia-lhe maçãs vermelhinhas.

À medida que ele foi evoluindo em seu percurso escolar, mais peculiaridades despontavam em seu comportamento. Sua coordenação motora fina apresentava certo atraso em relação aos demais colegas de sala; sua maneira de segurar o lápis dificultava o desenho das letras. Escrever de forma cursiva tornara-se um pesadelo. Lucas apresentava uma ansiedade nada mascarada: comia a borracha e a cola, roía as unhas, puxava os fios de tecido da meia até desfiar... Tinha enorme dificuldade em aceitar e cumprir regras e horários. Quando era contrariado nas suas vontades, dava birras, murmurava, batia com as mãos nas pernas ou no rosto para extravasar as suas angústias.

Tinha fixação por determinados temas e objetos. Então, tudo o que ele fazia ou que falava remetia ao objeto do hiperfoco. Certa vez, aos seis anos, Lucas pediu ao pai que comprasse uma revista na qual havia uma reportagem sobre um tsunami ocorrido no Japão, pois queria pesquisar sobre aquele país. Outras vezes, ficava revendo o mesmo vídeo até decorar as falas das personagens. Apresentava uma memória sensacional. Reproduzia sozinho longos episódios dos desenhos animados, reproduzindo as conversas das personagens e imitando os sons.

Os desafios surgiram à medida que evoluía em sua vida escolar: apresentava grande dificuldade de sair de situações complicadas, como *bullying*, e, mesmo querendo fazer novas amizades, demonstrava dificuldades na interação social. Possuía apenas um grande amigo na escola. Eles se davam muito bem e isso colaborou com o desenvolvimento da socialização de Lucas.

Quando fui chamada à escola em que Lucas se encontrava matriculado, a professora e a coordenadora me passaram um relatório sobre o comportamento do Lucas, muito diferente do que eu esperava. Saí de lá sentindo-me arrasada. Mil coisas passavam pela minha cabeça. Um misto de angústia, medo, raiva, impotência.

Buscamos ajuda médica, mas sem êxito. Não havia um diagnóstico, mas a sintomatologia permanecia e se agravava: ansiedade do filho e, agora, dos pais. Um

problema a solucionar. Foi então que, com a ajuda da internet, encontrei no *Youtube* a entrevista de um médico, de nome Walter Camargos Junior, a uma rede de televisão local abordando o assunto autismo. Pela fala do profissional, que explicava as características dos autistas, percebi que meu filho apresentava exatamente aqueles sinais/sintomas. Eu e meu esposo decidimos buscar amparo em um profissional especialista para tratar do caso. Viajamos para Belo Horizonte, para que Lucas pudesse ser avaliado. Após vários testes neuropsicológicos, indicados pelo médico, meu filho foi diagnosticado, no ano de 2011, aos sete anos, com Síndrome de Asperger (SA), que se expressa por uma desordem neurobiológica que pode ter causas genéticas ou ser provocada por doenças ou traumas cerebrais (Frith, 1991). A Síndrome de Asperger

> caracteriza-se por um *continuum*, com manifestações e deficiências de comportamento e de comunicação variando de suaves a graves. A maioria dos conjuntos de critérios usados para diagnosticar a Síndrome de Asperger, inclui dificuldades na interação social, na comunicação e na flexibilidade de pensamento (Moore, 2005, p. 9).

Começou um difícil período para nós e familiares. Vivemos horas intensas, permeadas pelo medo do desconhecido: não sabíamos o que fazer, como fazer, e nos perguntávamos o que seria daquela criança no futuro. São em momentos como esse que nós, mães, precisamos encontrar em nós mesmas a força necessária para encontrar uma solução, nem que esse recurso se encontre na imensidão do universo:

> Olho para o céu,
> Tantas estrelas dizendo da imensidão
> Do universo em nós
> A força desse amor
> Nos invadiu...
> Com ela veio a paz, toda beleza de sentir
> Que para sempre uma estrela vai dizer
> Simplesmente amo você [...] (Venturini; Bach, 1994).

Confiei em minha intuição, em minha fé. Eu tinha toda a certeza de que aquela criança veio ao mundo através de mim, porque eu e seu pai, sem dúvida, seríamos as pessoas certas para ajudá-la. Passei a ter um novo olhar sobre a situação. A necessidade me fez buscar novos horizontes, fortalecer tomadas de decisão e reconstruir minha forma de pensar e ver o mundo.

A pesquisa, ainda que informal, sem método, com uma estrutura incipiente e uma metodologia indefinida, começou a fazer parte de minha rotina. Adquiri livros, interessei-

me pelas reportagens em revistas e jornais, busquei por sites que tratavam do assunto e por tudo o que remetesse ao Transtorno do Espectro Autista: sinais, sintomas, diagnóstico, tratamento, prognóstico.

Ademais, quando surge a necessidade de acompanhar Lucas ao tratamento especializado, precisei buscar direitos na justiça que foram a mim negados pelo Estado. Diante dessa situação desgastante, prestei novo concurso público para o quadro de pessoal da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, agora para o cargo de Inspetor Escolar, para que esses direitos fossem efetivados, uma vez que, na carreira de professora não havia amparo legal às ausências no trabalho sob justificativa de acompanhar filho menor para tratamento. Uma incoerência, já que esse mesmo Estado diz ser direito da criança o acesso a cuidados médicos especializados. Uma vez aprovada no concurso, fui nomeada como Inspetora Escolar.

Ao me informar melhor sobre o assunto, pude entender os porquês das atitudes "diferentes" de Lucas, mudando minha maneira de lidar com ele, oferecendo reações díspares diante de suas crises e orientando a escola no apoio às suas necessidades. Em todo percurso escolar de meu filho, foi necessária a intervenção da família junto à escola por motivos diversos: falta de formação pedagógica inicial e continuada de gestores e docentes; material escolar não adaptado às suas necessidades; professores inseguros e sem aptidão nas escolhas pedagógicas, ausência de atividades diversificadas, profissionais sem conhecimento de técnicas e/ou métodos de intervenção, que, em verdade, eram escassos. A escola, muitas vezes, não atuava como um espaço de promoção para a socialização ou para a aquisição das capacidades cognitivas que ajudariam Lucas em seu desenvolvimento escolar.

Muitos equívocos foram cometidos pelas instituições de ensino pelas quais ele passou. Infelizmente. Um livro poderia relatá-las, não um memorial. Cito apenas alguns fatos: Ao nos mudar para a cidade de Uberlândia-MG, Lucas passou a frequentar uma escola muito bem-conceituada. Cursava, o 5º ano do Ensino Fundamental, no início do 2º semestre letivo. Após algumas semanas de aula, passou a chegar em casa reclamando que a professora regente não gostava dele. Quando tentávamos investigar os motivos, ele dizia simplesmente "ela não gosta de mim". Com o passar do tempo, percebi que ele não via graça na escola como via antes. Um dia, chegou em casa chorando e dizendo que seu pescoço doía. Não havia nada em seu pescoço e não entendíamos aquela queixa. Fiz tantas perguntas a ele, que disse apenas que uma coleguinha de sala sabia do ocorrido.

Entrei em contato com a mãe da menina. Juntei todas as peças do quebra-cabeça. Lucas não sabia dizer o que vinha ocorrendo. Ele apenas citava fragmentos de acontecimentos que não esclareciam os embaraços pelos quais passava. A dor no pescoço devia-se ao fato de ter segurado o choro. Ele estava com um nó na garganta e o motivo era o *bullying* praticado pela professora, que, naquele dia, havia lhe dirigido palavras duras, desmerecendo-o perante seus colegas, constrangendo-o ao dizer-lhe que, graças a Deus, não seria sua professora no ano seguinte, ameaçando-o com a penalidade não participar das aulas de Informática, as preferidas dele. A professora confessou as atrocidades pedagógicas praticadas. Essa situação foi bastante trágica, mas, por uma questão ética, não tenho a intenção de relatá-la aqui.

A partir desse acontecimento, matriculei Lucas em outra escola. Novo pesadelo! Poucos dias após o início do ano letivo de 2015, recebi uma ligação do Diretor, que me perguntou quem havia realizado a matrícula de Lucas, pois certamente tinha sido um engano. Não havia vaga.

Na verdade, eu sabia o motivo: anotei na agenda da escola que Lucas tinha Síndrome de Asperger e eles tomaram conhecimento do fato naquele dia. Minha vontade era fazer valer os direitos daquela criança, impor-me, buscar ajuda no Ministério Público, processar a instituição, mas contive-me ao telefone. Pensei: "o problema não é a escola, não é o Diretor, não é o professor". O problema está na falta de conhecimento e de formação dos profissionais de educação. As escolas não estão preparadas para receber crianças como o Lucas. Não conhecem meu filho. Não sabem o quanto ele é especial. Fui categórica, quando citei ao gestor as leis que regem a educação inclusiva, ao mesmo tempo em que propus formas de atendimento especializado, custeado por nós pais, ainda que isso devesse ser contrapartida obrigatória do estabelecimento de ensino, o que é afirmado por lei.

Entre a teoria e a prática havia uma enorme distância, não devendo eu torná-la maior ainda. Renunciei aos direitos e apelei para uma tentativa de prática pedagógica pautada em evidências que poderia, inclusive, trazer experiências positivas para aquela "empresa". A mediação foi exitosa! A escola aceitou meu filho. Um verdadeiro paradoxo: o direito ao acesso à educação e a luta para fazer valer esse benefício.

A partir desse episódio, comecei a pesquisar sobre o Transtorno do Espectro Autista na Educação Básica. Meu desejo era contribuir de alguma forma, para que outros "Lucas" não passassem pelas mesmas dificuldades escolares que meu filho passara. Assim, em 2019, decidi cursar Direito, no intuito de abrir novos horizontes, conhecer

melhor as leis e suas doutrinas. Foi uma decisão acertada. Tive a grata oportunidade de estudar as mais importantes normas que regulamentam as relações sociais e o ensejo de enxergar, nos conflitos, maneiras de se estabelecer acordos, conciliações, almejando possibilidades de se fazer justiça.

Em julho de 2022, ainda cursando Direito, fui aprovada no processo de seleção do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE), por meio de um projeto de pesquisa de mestrado que contempla a inclusão de alunos com o Transtorno do Espectro Autista nas escolas de ensino regular.

O Estado de Minas Gerais, que anteriormente me negara o direito de acompanhar meu filho em uma fase tão importante e necessária da vida dele, agora financiava minha pesquisa, proporcionando-me uma oportunidade única para eu pudesse me dedicar aos estudos.

Uma vez matriculada no Mestrado Profissional em Formação Docente para a Educação Básica, comecei a debruçar-me sobre as pesquisas científicas e a legislação brasileira vigente, concatenando as ideias, de maneira formal e metodológica, buscando por políticas públicas que se aproximassem das reais necessidades desse público específico da educação especial.

No final de 2022, tivemos a alegria de ver Lucas ser aprovado em 10º lugar, no vestibular do Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), em Passos-MG, para cursar Ciência da Computação: aquela sua matéria preferida, cujas aulas, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, ele fora proibido de frequentá-las por não atender às expectativas de uma professora sem formação, sem ética e sem empatia.

Cheguei a tempo de te ver acordar
Eu vim correndo à frente do sol
Abri a porta e antes de entrar
Revi a vida inteira

Pensei em tudo que é possível falar
Que sirva apenas para nós dois
Sinais de bem, desejos vitais
Pequenos fragmentos de luz

Falar da cor dos temporais
De céu azul, das flores de abril
Pensar além do bem e do mal
Lembrar de coisas que ninguém viu

O mundo lá sempre a rodar
Em cima dele tudo vale
Quem sabe isso quer dizer amor
Estrada de fazer o sonho acontecer

Pensei no tempo e era tempo demais
Você olhou sorrindo pra mim
Me acenou um beijo de paz
Virou minha cabeça

Eu simplesmente não consigo parar
Lá fora o dia já clareou
Mas se você quiser transformar
O ribeirão em braço de mar

Você vai ter que encontrar
Aonde nasce a fonte do ser
E perceber meu coração
Bater mais forte só por você (Borges, 2003)

Talvez esse memorial fale mais de meu filho do que de mim mesma. Mas, foi por ele e com ele que pude me tornar quem sou hoje.

Ao Lucas – que me ensinou a não ter medo do diferente e me mostrou que o universo possui sua própria magia – meu amor, minha gratidão e respeito.

Faria tudo de novo, se necessário fosse!